

PROCESSOS DE PRODUÇÃO DO DISCURSO MUDIÁTICO-ESPORTIVO: OBSERVANDO A COBERTURA JORNALÍSTICA DOS JOGOS ABERTOS DE SANTA CATARINA/2007

PRODUCTION PROCESSES OF MEDIA DISCOURSE-SPORT: WATCHING THE NEWS COVERAGE OF THE GAMES OPEN SANTA CATARINA/2007

FERNANDO GONÇALVES BITENCOURT

Doutor em Antropologia Social (UFSC), Professor do Instituto Federal de Santa Catarina – Campus de São José/SC

PAULA BIANCHI

Mestre em Educação Física (UFSC), Professora da UNIPAMPA - Campus Uruguaiana/RS

IRACEMA MUNARIM

Mestre em Educação (UFSC), Professora MEN/CED/UFSC

CLAUDIO TONETTI

Mestre em Educação Física (UFSC)

GIOVANI DE LORENZI PIRES

Doutor em Educação Física (UNICAMP), Professor do DEF/CDS/UFSC e do PPGEF/UFSC

Resumo: Este estudo objetivou compreender os processos e as condições de produção jornalística, tomando como objeto de estudo a cobertura da etapa final dos 47º Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC), realizada na cidade de Jaraguá do Sul, em 2007. Para tanto, realizamos uma observação participante e travamos diálogo com profissionais de televisão, rádio e jornal. Fizemos registros em diários de campo e fotografias, descrevendo e interpretando a estrutura espacial, o sistema dos objetos e a ação dos jornalistas em sua prática. Foi possível constatar que a produção da notícia esportiva se revela como um poder de fazer ver (e fazer crer) ao mesmo tempo que apresenta limitações estruturais (econômicas, organizacionais, culturais) que restringem o trabalho jornalístico, bem como dificultam a reflexão sistemática sobre a realização de tal trabalho.

Palavras-chave: Jogos abertos; Esporte; Mídia; Jornalismo esportivo.

Abstract: This study aimed to understand the processes and conditions of news production, having the cover of the final round of the 47 ° Open Games of Santa Catarina (JASC) as the object of study, held in Florianopolis, 2007. We made one participant observation and had a dialogue with professionals from television, radio and newspaper. We registered information in field diaries and photographs, describing and interpreting the spatial structure, the system of objects and the actions of journalists in their practice. It was possible to discover that the production of sports news is revealed as a power to make see (and believe) while presenting some structural constraints (economic, organizational, cultural) that restrict the journalistic work, and make difficult the systematic reflection about the carrying out of such work.

Keywords: Open Games; Sport; Media; Sports news.

1 ABERTURA

As pesquisas em torno das relações entre Educação Física, esporte e mídia, desde os trabalhos seminais de Betti (1998) e Pires (2002)¹, tem incorporado densidade na mesma medida em que se desenvolvem as diversas formas de tecnologias de comunicação e informação, notadamente as de caráter digital. Os encontros do Grupo de Trabalho Temático Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte exemplificam tal afirmação, uma vez que em tais congressos houve a ampliação dos debates em qualidade (aprofundamento teórico-metodológico), diversidade (TV, impressos, internet, educação a distância, games...) e quantidade (o número de trabalhos apresentados e de pesquisadores vem crescendo desde a criação do GTT em 1997).

Não obstante estas constatações preliminares, é certo que o jornalismo esportivo e seus diversos meios de comunicação constituem-se em objeto importante das análises relativas ao caráter midiático do esporte e dos demais elementos da cultura de movimento. A associação bastante clara entre os referidos meios, os eventos esportivos, o Estado e a publicidade não apenas organizam um modo de espetacularização da cultura esportiva, mas também legitimam modos de apreensão do sistema prático-simbólico articulados pelo conjunto mídia-esporte.

Santa Catarina tem um dos mais bem estruturados e sólidos sistemas de esporte amador do país, e um modelo singular de regular a relação referida acima. Com um sistema esportivo público concebido a partir do padrão olímpico, o mesmo tem sua gestão compartilhada a partir do Conselho Estadual de Esporte, como órgão definidor das políticas, prioridades e normas, e a Fundação Catarinense de Esporte (FESPORTE), que tem papel operacional, realizando sua capilarização através das Fundações Municipais de Esporte (FME), presentes em praticamente todos os municípios (ESTADO DE SANTA CATARINA, Lei 9808/1994)

Tal organização possibilita a realização de diferentes eventos esportivos, com destaque para os Jogos Abertos de Santa Catarina (JASC). O mesmo, contando com aporte financeiro governamental (Estado e municípios) se realiza em três etapas, a saber, micro-regionais, regionais e, por fim, a fase final, cuja realização fica a responsabilidade de uma ou mais cidades-sedes. Destarte a óbvia influência política exercida pelos partidos ou grupos partidários que se revezam no poder, tanto em âmbito estadual quanto municipal, o esporte em Santa Catarina assume características de uma política de estado, não apenas de governo (VAZ, 2001). Isso gera certa estabilidade e perenidade dos grandes projetos esportivos, fazendo com que os Jogos Abertos de Santa Catarina, por exemplo, tenha vivido sua 47ª edição ininterrupta em 2007.

Considerado o maior evento esportivo do Estado, o JASC põe em cena, durante a realização da etapa final, uma infra-estrutura esportiva capaz de receber aos milhares de atletas, pessoal técnico, familiares e torcedores que acompanham as equipes dos municípios classificados para as finais. A cada etapa final, também ocorre um grande número de repórteres, cinegrafistas, jornalistas em geral com a incumbência de acompanhar diuturnamente, durante quinze dias, as competições, e produzir matérias e boletins informativos para suas comunidades. É este cenário, do qual a nossa introdução procurou delinear do quadro não mais que um esboço, o lócus deste estudo.

O texto está organizado em três partes principais, para além das considerações teórico-metodológicas a seguir – e as devidas abertura e considerações finais. A primeira trata da ocupação espacial dos meios de comunicação – pessoas e objetos – no interior do ginásio quando da transmissão das partidas de futsal. No segundo, descrevemos a sala de imprensa, sua ordem e seu funcionamento. Por fim, teceremos alguns comentários acerca do trabalho dos jornalistas.

¹Tais publicações não são seminais por serem as primeiras a traçarem a relação Educação Física, esporte e mídia, mas pelo modelo de

abordagem reflexiva e crítica sobre tal relação.

2 ALGUMAS QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O antropólogo Marshal Sahlins tem, entre suas várias preocupações como pesquisador, tratado do problema das relações entre estrutura e evento – por certo também história e cultura – ao procurar as lógicas imanentes aos seus processos: descontinuidades, fluxos, mudanças de configuração, permanências. Em síntese, o autor perscruta o modo como eventos transformam estruturas sociais, estas, as mesmas que produziram os eventos, e possibilitam, no contexto específico de cada ordem cultural e social, a manutenção de sua estrutura através mesmo de sua modificação.

Em dois exemplos extraídos do esporte, o que em nosso caso é bastante frutífero, Sahlins (2007) descreve dois campeonatos de beisebol em seus desenvolvimentos singulares para apontar como, em tempos-espacos específicos, acontecimentos podem suscitar impactos importantes para o conjunto de relações sociais envolvidas. No primeiro caso, uma das importantes equipes do beisebol americano inicia a temporada com grande vantagem sobre os adversários e termina, como era esperado, como campeã da competição. No segundo, uma equipe que estava muito mal em seu início, recupera nas últimas semanas da competição posições nos quadros classificatórios, passa aos jogos decisivos e, depois de estar perdendo os *play-offs* por três a zero, faz quatro a três, vencendo também o último jogo na última entrada com um *home run* que vira a partida.

Para traduzirmos esta segunda narrativa em nossa linguagem esportiva mais conhecida, imaginemos como se um clube de futebol brasileiro, após passar todo o primeiro turno de um campeonato em último, realizasse uma reação espetacular e fosse campeão no último segundo do último jogo com um “gol de placa”. O que importa, entretanto, menos do que os resultados e feitos, são os significados tramados em tais eventos a partir dos dois modos distintos de se dar o tempo.

Para o primeiro caso, temos um processo histórico estruturado num sistema relativamente estável e no qual o tempo progride sob a lógica deste sistema. Por outro lado, o segundo sistema vai operando modificações no sentido do tempo e, a cada evento, esta temporalidade se encurta e se acelera, gerando novos modos de ver o fenômeno, construindo diferentes sentidos, deixando sempre aberto o horizonte de possibilidades. Sahlins tentou demonstrar com estes casos as possibilidades inscritas nos acontecimentos de modificarem sistemas estruturados, aparentemente rigidamente codificados. A cultura, como sistema prático-simbólico, ainda que reivindique sua replicação, também é abertura para o novo: suporte de novas estruturações.

Pois bem, remeter este trabalho a estes efeitos espaço-temporais propostos por Sahlins, nada mais faz do que acusar nossa impressão de que, para além da importância de tratarmos diacronicamente os JASC, o jornalismo e o jornalismo esportivo em Santa Catarina, realizar um recorte microscópico destas práticas, num trabalho sincrônico, pode aventar novas possibilidades de compreender o jornalismo esportivo em seu processo de desenvolvimento, seja para apontar suas continuidades estruturais, seja para perceber nas conjunturas o fato de que eventos específicos produzem novos caminhos.

Sem a pretensão de nos justificarmos extensivamente, mas com algum rigor, tem-se observado que os trabalhos que analisam a produção jornalística, de modo geral, preocupam-se com a interpretação das notícias veiculadas, muito mais do que com as condições de sua produção e a ordem da *práxis* jornalística². Pois bem, tomando este segundo aspecto como problema, nosso objetivo foi o de descrever e interpretar a estrutura espacial, o sistema dos objetos e a ação dos jornalistas³ em suas práticas profissionais durante a cobertura dos referidos jogos.

Interessou-nos estudar a mídia esportiva de Santa Catarina na cobertura do principal evento esportivo do

²Para uma análise do campo jornalístico na França e as condições de produção do discurso televisivo, ver Bourdieu (1997a).

³Para os termos deste trabalho, chamamos de jornalistas todos os profissionais responsáveis por comunicar, transmitir ou informar os eventos do JASC. A complexidade do campo da comunicação e

particularmente do campo do jornalismo esportivo dificulta a diferenciação das personagens que se envolvem com a cobertura de eventos esportivos e sugere que o diploma de ensino superior não é o único marcador da profissão, ainda que seja o “instrumento” legal.

Estado, justificadamente por reconhecermos, como professores/pesquisadores do campo da Educação Física, que a cultura esportiva tem na mídia uma importante interlocutora para a constituição de seus sentidos, códigos e valores, que são socialmente compartilhados. A pesquisa coletiva empreendida pelos pesquisadores do LaboMídia/Observatório da Mídia Esportiva/UFSC⁴ tomou como campo de investigação a etapa final da 47ª edição do JASC, realizada na cidade de Jaraguá do Sul, de 01 a 10 de novembro de 2007.

Para tanto, acompanhou-se um dia de trabalho dos profissionais do jornalismo realizando observação participante em diferentes frentes: a transmissão das partidas de futsal na Arena Multiuso de Jaraguá do Sul; a sala de imprensa e as performances de locutores de rádio, repórteres televisivos e do jornalismo impresso; a assessoria de imprensa; entre outros aspectos não menos relevantes. Ainda que o tempo de permanência no campo de pesquisa tenha sido por demais reduzido para caracterizar uma etnografia em sentido clássico, a saber, um único dia, é sob os auspícios desta premissa metodológica, como desenvolveu Geertz (1989)⁵, que este trabalho foi realizado⁶.

3 OBSERVAÇÕES SOBRE O ESPAÇO: MODOS DE VER

A noção proposta por Bourdieu (1997b) de que todo espaço geográfico é também espaço social talvez possa ser um bom ponto de partida para se compreender o significado que a tecnologia, mas também o jornalista como agente, acaba por impor ao espaço dos ginásios, pistas, piscinas e demais ambientes nos quais o esporte se desenvolve. No JASC/2007, ao acompanharmos as disputas de futsal na Arena Jaraguá – para além das outras modalidades realizadas em ginásios, clubes e pistas distribuídos pela cidade – foi possível perceber o modo

como tecnologia e agentes ocupam e se deslocam neste universo bastante demarcado.

A ocupação espacial da maquinaria e dos agentes (técnicos, produtores e jornalistas) determina não apenas um modo de olhar o esporte, mas é fruto também de uma concepção historicamente construída na qual o esporte é – ou tornou-se – um espetáculo midiático. Assim, este espetáculo, cuja existência como fenômeno é fugaz, tem a ampliação dos seus sentidos através dos inúmeros olhares que a imprensa em geral lança sobre o evento. Foi possível perceber 3 tipos de produção do olhar, por certo não excludentes entre si.

O primeiro, mais evidente, é uma espécie de olhar panóptico (divino?). As TVs e rádios posicionam seus equipamentos na parte superior dos ginásios e, de cima, constroem uma narrativa do evento. Não apenas as lentes das câmeras televisivas focalizam (e o foco não é pouco importante) o movimento dos atletas, como quem resume o mundo vivido a um ponto de vista exclusivo, também os narradores de rádio e TV, comentaristas e repórteres descortinam um acontecimento cujo sentido é construído nesta narrativa ancorada na visibilidade transformada em fala.

Importante neste aspecto, já que a discussão ocorre no plano do espaço, é o fato de estes agentes ocuparem um lugar elevado – acima dos atletas e dos espectadores (das arquibancadas e dos camarotes). As cabines de imprensa, na Arena Jaraguá, ocupam o ponto mais elevado da arquibancada. Sabemos o sentido que o alto tem para nossa sociedade: tratado positivamente, é o lugar do sagrado – do divino –, mas não só isso, é a convergência de uma moralidade (como denotam o sentido de altivo e altivez) com a hierarquia do superior, com aquilo que está acima. Primeira regulação nada sutil do modo de narrar o esporte, é o olhar/falar que a todos vê: onipresente e onisciente (onipotente?).

⁴A pesquisa foi realizada com apoio da Rede CEDES, do Ministério do Esporte, obtido em edital (chamada pública). Parte do relatório da pesquisa foi transformada em livro (PIRES, org., 2008), sendo que ambos se encontram disponíveis no site do Grupo (www.labomidia.ufsc.br).

⁵Para Geertz (1989) a etnografia se realiza microscopicamente, através da descrição densa, modo pelo qual o antropólogo pode acessar os

significados incorporados aos símbolos inscritos nas das tramas sociais.

⁶Vale ressaltar que a despeito do tempo reduzido do trabalho de observação nesta pesquisa específica, a mesma está conectada a outras etapas de um mesmo projeto, conforme a nota anterior, em cujas análises encontramos suporte também para as observações pertinentes a este texto.

A câmera que vê, mas que não é vista⁷, com seu olhar ciclópico a revelar, do alto, frações espaciais do acontecimento, reivindicam o poder de narrar “o” acontecimento. Entretanto, as aberturas de câmera e os *zooms* vasculham as zonas inimaginadas do espaço, recobrando, a cada corte promovido pelo editor de imagem, um novo contexto, transformando as temporalidades, criando convergências ou dispersões através dos truques de um olhar fragmentado, mas contínuo.

Este perscrutar de ave de rapina recebe um complemento singular. O segundo modo de ver é intensamente invasivo e pode ser observado para além da Arena Jaraguá, também nas canchas onde se disputava as modalidades de Bolão e Bocha, por exemplo. Ao partilhar com os próprios atletas, nos limites da quadra, o espaço restrito aos oficiais do espetáculo, dividem com estes o protagonismo da cena. Não é possível não notar a câmera e os repórteres a transitarem entre atletas, invadir o pedido de tempo, perguntar, questionar, inquirir, examinar... Mostrar o lance como quem vê de dentro, num quase minimalismo.

Foi nesse mesmo sentido que em nossas observações presenciamos, durante a final da bocha, o exato momento em que a repórter de TV, acompanhada de seu cinegrafista (microfone e câmera), invadiu a pista para entrevistar a equipe campeã, “interrompendo” e, ao mesmo tempo, “compartilhando”, por alguns instantes, a comemoração dos atletas. Estes últimos, postos em evidência através da câmera, que quer registrar tudo – cada sorriso, cada gesto e palavra, os gritos de euforia manifestados naquele momento – e como também não é possível não perceber o alvoroço causado pela presença dos meios e dos seus agentes nos locais de competição, festejavam na mídia, com a mídia, mas também, para a mídia.

Durante a festa da vitória, aparecer na TV e, para isso, seguir os passos da repórter e do cinegrafista, na tentativa de terem seus rostos exibidos na telinha ou

(quem dera!) serem abordados pela equipe de jornalismo para falar sobre os jogos, as vitórias e a conquista, construía um modo de relação, na qual uma performance para a mídia se desenhava. Deste fato, inferimos que a presença da mídia gera uma agitação, um fervilhar de gestos e posturas (para aparecer ou fugir) e modifica, por sua imposição, pessoas e lugares.

Portanto, vindo do alto, pelo olhar panorâmico que revela através das narrativas construídas pela imagem e pelas palavras a ordem coletiva dos corpos e movimentos⁸, o jornalista *vouyer* vasculha a intimidade do espetáculo: uma enorme fechadura para muitos olhos. De baixo, a invasão da intimidade se dá na mescla de corpos, na sincronização dos espaços-tempos, no poder de estar onde a mais ninguém é permitido, de sufocar treinadores com microfones, cegar pela imposição luminosa da câmera. Do alto e de baixo, nada pode escapar dos que traduzem aos que não estão presentes (ou mesmo perto) ao jogo.

O terceiro modo de ocupar o espaço é mais sutil, pois que não é fruto da posição, mas do deslocamento. Transitando entre pessoas e coisas, transformando a paisagem com a presença impensada, porém intensa, este modo de circular leva ao extremo as possibilidades do olhar/escutar/narrar; pois se o primeiro é a onipresença e o segundo a invasão perceptível, o terceiro é a confirmação de um poder, a saber, o de olhar, mas, mais importante, o de deslocar o ponto de vista, reorganizar o olhar e invadir. Invasão permitida, pois que sustentada num poder que é prático-simbólico, mas também político e econômico.

Estando em todos os lugares (e em lugar algum), os meios de comunicação produzem um efeito intensificador de poder, um poder de poder. Poder de poder estar, de se deslocar, de invadir, de dizer... Efeito de poder que resulta não apenas de uma presença, mas dos sentidos que o espaço físico adquiriu historicamente como espaço social. Espaço, também, cujos sentidos correm a mudar, ainda que a visão do alto e do interior insistam a orientar seu sentido.

⁷Por certo a câmera pode ser vista, mas vê-la é afastar-se do fenômeno ao qual se está verdadeiramente a assistir. É interessante notar que há uma nova modalidade deste olhar da câmera, que busca o espectador para que este o veja e torne-se, através da festa e da fantasia de estar “na

câmera”, também parte do espetáculo.

⁸Como as câmeras espalhadas nos campos de futebol, que mostram o sorriso banguela do “povão torcedor” ou a sensualidade da “mulher brasileira”.

Mas, é claro, os profissionais a perscrutar os outros em sua prática também são visíveis (e vistos). Entretanto, parece haver uma naturalização desta presença, por um lado, pois que o estranho é sua ausência, e uma reivindicação, por outro, pois que à sua necessidade não se convive com indiferença. É, talvez, por este movimento nada paradoxal, de necessidade e presença, que as pessoas fogem do seu encontro, inibidas por um poder que pode questioná-las, ao mesmo tempo em que acorrem para os planos espaciais secundários ou paralelos, como as crianças a fazer pano de fundo nas entrevistas de seus ídolos.

Por fim, já preparando os passos a seguir, é que consideramos haver diferenças importantes entre a parte visível do jornalismo esportivo (sua imposição pelo olhar) como acima descrito e sua parte encoberta, a sala de imprensa: espaço para o qual vamos nos dirigir.

4 SALA DE IMPRENSA: REGULAÇÕES ESPAÇO-TEMPO

Uma descrição da ordem espacial da sala de imprensa do JASC/2007 vai ajudar a compreendermos uma relação bastante importante: a do espaço-tempo da mídia. Ao contrário de implicar num paradoxo, ou mesmo numa antinomia, qual seja, a de que os processos técnicos avançados exigiriam um espaço físico organizado e estável para que se pudesse realizar as transmissões esportivas – fenômenos fugazes, cuja melhor caracterização pode ser a de fluxo – veremos a perfeita sincronicidade entre construção/destruição do espaço e fluxo.

Pois bem, improvisada sob as arquibancadas da Arena, o espaço destinado à imprensa era, numa palavra, caótico. Apesar do esforço de ordem, do disciplinamento formal do trabalho jornalístico e do trabalho regular e intermitente da assessoria de imprensa, a improvisação da estrutura denota o que numa apreciação antecipada seria impensável: o descompasso entre tecnologias midiáticas de comunicação e estrutura física.

A sala de imprensa era, então, um amplo espaço com duas linhas paralelas de mesas, formando bancadas contínuas (de aproximadamente 20m), também improvisadas, sobre carteiras escolares e outros tipos de mesa. Neste espaço, os diversos profissionais “armavam” seus equipamentos. Os objetos mais comuns, pertencentes às empresas de comunicação ou aos próprios jornalistas, eram as maletas de rádio, cuja operacionalidade e praticidade são incontestes, e os laptops. Além destes, a organização do evento colocava a disposição computadores⁹. Desta estrutura precária, uma profusão de fios partia dos diversos cantos da sala, saindo das bancadas em direção às paredes, que por fim os ocultavam. Assim, apesar de ter as “coisas” necessárias: fios, tomadas, computadores, rede de internet (via cabo e wireless), etc. o ambiente não oferecia nenhum luxo, tampouco algum conforto. Haveria algum descompasso entre o olhar onipresente e íntimo do trabalho no ginásio, no momento do evento, e o trabalho subterrâneo? Esperemos.

Ao fundo da sala de imprensa, à esquerda, uma construção em divisórias separavam duas salas do restante da sala de imprensa. Na última sala ficava a assessoria de imprensa da FESPORTE. O mesmo arranjo em bancadas improvisadas e fios em profusão comportava três computadores, cedidos pela organização, mais dois laptops pessoais, uma impressora, rádios comunicadores, máquina fotográfica (e, talvez, outros equipamentos que não pudemos acessar) que eram o suporte para a equipe de trabalho que centraliza as informações oficiais do(s) evento(s).

Numa “cabine anterior”, uma emissora de televisão concentrava seus equipamentos: um estúdio e uma ilha de edição. Assim, computador, TV e câmera compunham um conjunto mínimo de equipamentos necessários ao trabalho por se realizar. Tal ordem, por economia ou estratégia, aponta os princípios que regem a organização dos espaços, que, a propósito das observações de Virilio (1993) estariam, contemporaneamente, subsumidos ao aspecto temporal.

⁹Os computadores estão no caderno de encargos que o município recebe ao se responsabilizar pela organização dos jogos.

Retornaremos a esta questão a seguir.

Em meio a tal esquema organizativo, *banners* anunciando as diferentes empresas de comunicação – rádios, TVs e jornais impressos – escorriam do teto ou colavam-se às paredes, junto a outros cartazes e penduricalhos. O conjunto formado pelo sistema de objetos, sempre em número flutuante devido as diferenças resultantes dos horários de maior afluxo e permanência de jornalistas (que trataremos *a posteriori*) e dos momentos de “calmaria”, e a estrutura física improvisada é, para quem imagina o trabalho jornalístico como portador de um certo *glamour*, uma decepção.

É possível especular algumas hipóteses para tal modelo (ou anti-modelo) de organização: a) a falta de recursos do município e da FESPORTE para investir em infra-estrutura adequada; b) a perda de importância do JASC/2007 como evento esportivo digno de veiculação midiática; c) a falta de recursos e organização da maioria das empresas de comunicação e; d) a fluidez da comunicação, associada ao caráter temporário dos jogos, não permitiriam – ou não exigiria – uma melhor estrutura material e logística.

Ao que pudemos perceber, as hipóteses acima parecem se complementar. Entretanto, a despeito da falta de recursos de todas as partes e a discutível perda de interesse midiático pelos jogos (pois, neste caso, sempre é preciso se saber de onde se fala: que lugar da mídia, da sociedade ou de que cidades do Estado), as partes parecem confluir para a última hipótese, a saber, a velocidade de montagem e desmontagem da estrutura de transmissão deste evento esportivo¹⁰ é homóloga a velocidade e fluxo que a informação atinge na contemporaneidade.

Talvez devamos levantar uma outra questão. Desde que Simmel (1977) propôs a tese de que o dinheiro é o substituto concreto de valor abstrato dos objetos – mas também das pessoas –, sendo na circularidade das economias não aquilo que circula, mas o que permanece fixo, pode-se aventar uma hipótese para este fluxo homólogo de informações jornalísticas, de jornalistas e de

equipamentos, a saber, o fato de que o seu substrato não esteja em suas práticas e articulações, mas nos princípios abstratos que o dinheiro representa em cujo ponto fixo todo o processo faz circular.

Tal perspectiva exigiria uma longa digressão. Entretanto, basta retomarmos o trabalho de Bourdieu (1997a), que discute os mecanismos invisíveis de produção da notícia e do trabalho do jornalista, tais como o furo de reportagem e o índice de audiência, para encontrarmos o pano de fundo sobre o qual os objetos do discurso jornalístico são arrancados e se curvam ao princípio da velocidade, do entretenimento, do bizarro e, claro, do dinheiro.

Ora, se há um descompasso entre o trabalho jornalístico “a céu aberto” e o trabalho subterrâneo, entre aquilo que se mostra e o que apenas uma escavação pode revelar, é através do trabalho destes profissionais, assomado às premissas desenvolvidas até aqui, que aquele pode se revelar. Antes, porém, outra observação a partir de Bourdieu (2001). Tomando como princípio o fato de que o real é relacional e que um fenômeno só ganha sentido quando posto frente a um outro correspondente, talvez seja interessante notar que, se por um lado, o campo jornalístico, no sentido dado por Bourdieu (1997a), é reconhecido pelos espectadores em geral como uma esfera importante da sociedade, por outro, no campo das profissões o jornalismo está sujeito às pressões políticas e econômicas e em suas práticas sujeitados aos interesses das empresas nas quais trabalham. Do mesmo modo, não é novidade o fato de o jornalismo esportivo ser considerado uma editoria de menor peso relativo no interior do próprio campo jornalístico.

Sendo assim, ainda que representem tais empresas, através de seus rostos (corpos), vozes ou textos, e assim ganhem status e distinção na hierarquia social, tal representação é o corolário do contrato de trabalho, das imposições que a ordem da economia-política e do sistema prático-simbólico fazem ao empregado. Assim, com estes apontamentos, passamos ao próximo ponto.

¹⁰Não nos arriscamos a generalizar esta hipótese, ainda que ela seja convidativa a tal passo. Pois, ao contrário do observado no JASC, seja nas Olimpíadas, na Copa do Mundo ou na Guerra do Golfo, os centros

de imprensa são eles mesmos notícia, em virtude de sua imponentia, capacidade tecnológica e nível de investimento.

5 JORNALISTAS EM AÇÃO: VOZ, IMAGEM, TEXTO...

As descrições que aqui se desenvolverão estão ligadas ao sistema de relações travadas entre os diferentes agentes, baseadas nos aspectos mais específicos das práticas singulares das diferentes modalidades do trabalho jornalístico. Procuraremos, ainda que dentro de certos limites, apontar aspectos performáticos de cada tipo de profissional e refletir sobre alguma ordem de relações entre tais distintas modalidades de realizar a comunicação.

Pois bem, o ciclo de trabalho é composto por períodos de efervescência e profusão de vozes e informações e, ao inverso, momentos de silêncio, quando a sala de imprensa se esvazia, ou concentração, geralmente ligados ao uso do computador. Misturam-se jornalistas de jornais impressos, radialistas, repórteres de TV, diretores, produtores, técnicos, motoristas e curiosos em um ambiente marcado por alguma informalidade e bom humor. Os horários de efervescência se davam nos inícios e finais de período, quando era necessário conferir os boletins com os resultados dos jogos, o quadro de medalhas e preparar alguma informação para os programas por vir. O silêncio se fazia quando os profissionais se dispersavam para as diferentes praças de jogos.

O modo como os jornalistas procuravam a assessoria de imprensa era variado, denotando a diversidade de profissionais a trabalhar. Alguns queriam saber das últimas notícias de alguma modalidade, outros socorriam a assessoria por um “pequeno” erro no seu *site* oficial, outros, ainda, tinham dificuldades para entender as chaves e o funcionamento dos jogos, contestando, sem razão, o resultado informado. O fato de a notícia oficial não ser um antídoto contra o erro ficou bastante claro. A velocidade e o volume de informações, a necessidade de se escrever textos, releases etc, impõem um ritmo pouco favorável à reflexão, e jornalistas, de todos os setores, acabam presos a operações aprendidas com o tempo de profissão e repetidas com alguma dinamicidade mecânica.

É possível destacar algum padrão no

comportamento conjunto dos profissionais por área de atuação. Cada uma das áreas guarda características singulares tanto no seu modo de apresentação quanto na sua performance profissional. Decorrem deste conjunto, ainda, relações pressupostas nas hierarquias variadas que o interior de um campo profissional comporta. Trataremos a seguir destes aspectos.

Antes, cabe esclarecer que as performances estão arranjadas por um conjunto de práticas e sentidos – um *habitus* (BOURDIEU, 1998; 2001) – incorporados no desenvolvimento da profissão e do lugar no campo profissional e que marca caracteristicamente cada um dos agentes no campo. Por outro lado, *habitus* ligados a classe e a região de origem – que se manifestam em modos de conduta e de fala – também organizam estas performances e classificam, separam ou mesmo hierarquizam os agentes no local de trabalho – em nosso caso, a sala de imprensa do JASC/2007.

Os jornalistas que trabalhavam para os impressos tendiam a uma forma de conduta mais comedida e afastada. Ligados ao trabalho de escrita em seus computadores, realizavam a coleta de informações nos locais de disputa, na internet ou mesmo com a assessoria de imprensa, mas passavam um tanto discretos no ambiente. Cabe ressaltar que os profissionais dos maiores jornais são, em sua maioria, formados ou em formação nos cursos de jornalismo, saídos dos estratos médios da sociedade e ligados ao trabalho jornalístico no JASC, ao que nos pareceu e em se comparando a outros “jornalistas”, mais por obrigação profissional do que por um certo ar festivo ou motivação apaixonada ligada ao pertencimento regional.

É possível perceber, também, que quem escreve chega ao JASC/2007 sozinho, devendo enfrentar as demandas diárias a partir de sua capacidade de observar, coletar e escrever notícias – devendo, claro, seguir as pautas organizadas pela editoria. Um caso particular que observamos tratava-se de um jovem jornalista, carregado de um leve ar de intelectual e um indiscutível distanciamento das atribuições, conversas e debates travados durante os momentos de efervescência. De modo quase blasé, atravessava o ambiente indiferente ao

burburinho dos demais profissionais.

Em um local onde pessoas de várias regiões de Santa Catarina se reúnem, inúmeros sotaques terminam por se misturar. Estas falas, como mencionado anteriormente, incorporadas como *habitus*, denunciam o falante, no mínimo, em sua origem regional, através do sotaque e de expressões particulares. Deste aspecto, porém, nada chamou tanto a atenção quanto a voz modulada, ritmada e grave dos locutores de rádio. Se o silêncio é a exigência de quem escreve ao computador, o volume e a performance de quem fala se sobressai, numa modalidade um tanto pitoresca de se comunicar. Ao “abrir” suas maletas de transmissão, uma transformação performática fazia ecoar a locução das notícias, sempre de um modo opulento e vibrante.

Assim, a modificação na *hexis* corporal, no tom e nos ritmos da vocalização denotava a entrada no ar de “mais um boletim informativo do JASC/2007”. Ali mesmo, entre profissionais, amigos e curiosos, sem cabine de som ou estúdio, ao vivo e direto, um concerto de voz anunciava a nova medalha, a pontuação geral, os placares do dia. Por outro lado, diferentemente dos jornalistas egressos das universidades, os radialistas, oriundos das rádios de várias regiões do Estado, têm sua formação realizada diretamente na prática profissional, fato que destaca uma hierarquia acadêmica e uma cisão nas relações sociais travadas na sala de imprensa.

Como pontos marcantes de caracterização dos “jornalistas”¹¹ radialistas, dois aspectos exigem destaque, pois ajudam a caracterizar seu caráter *suis generis* e uma certa posição inferior na hierarquia profissional: 1) a formulação de um discurso que demonstra estreita ligação entre o narrador e sua comunidade de afeto. Com forte carga subjetiva e emocional, os locutores de rádio, ao contrário dos jornalistas dos impressos e das TVs, não estão nos Jogos para apresentar “os fatos” com a isenção e

a neutralidade dos manuais acadêmicos. Num misto de locutor e torcedor, os radialistas evocam a conexão entre os atletas e seus pertencimentos regionais, incluindo-se no elo emocional marcado pela identidade territorial – no caso, os municípios. 2) Bastante falantes e comunicativos, traçam com cordialidade e simplicidade os laços entre os colegas de trabalho, sendo portadores de um modo divertido e jocoso de relacionar-se. Tal fato é bastante diferente do modo silencioso e distante dos jovens jornalistas dos impressos e das TVs, conduta que condiz com as exigências de uma profissão que se quer objetiva e neutra e não interpretativa.

Os profissionais das TVs, por sua vez, alçados ao estrelato pelo poder incontestado da imagem, parecem comportar-se como a elite do jornalismo. Por limitações de tempo, nossa observação teve chance de registrar com mais rigor o trabalho de uma mulher jornalista. Pois bem, é fato sem dúvida singular, mas também bastante conhecido, que a cobertura jornalística de esportes foi feita, historicamente, em sua grande maioria, por homens. No JASC/2007, enquanto estivemos em campo, afora a assessora de imprensa, apenas a repórter de TV era uma mulher. Isto gera, sem dúvida, um modo particular de interação que acaba por excluir a profissional mulher de grande parte das relações entre os profissionais¹².

A despeito disso, assim como o radialista imposta a voz, a “jornalista” de TV cuida da imagem pessoal: de sua maquiagem e figurino, de sua postura e sorriso; em suma, dos modos de aparecer em frente às câmeras. Com a reserva de sua formação e os cuidados que a profissão exige, procuram uma composição discursiva que seja objetiva, clara, rápida e eficiente, reduzindo a um mínimo possível os contatos e efeitos das relações. Ligada ao “repórter cinematográfico” por luzes e ângulos, ambos circulam, cada um com seu equipamento, a saber, o microfone e a câmera, sem que ninguém os renuncie, os

¹¹ Apesar da formação universitária em Jornalismo e da criação de inúmeros cursos de comunicação, o “jornalismo” de rádio sempre foi caracterizado pela formação em trabalho e, ainda que enquadrar o radialista na profissão de jornalista hoje seja um tanto temerário, é assim que os radialistas e as comunidades com as quais trabalham se/os vêem. Pois, como todos os demais, estão presentes nos eventos para transmitir, noticiá-los e informar a comunidade sobre.

¹² Entre algumas das dissonâncias entre mulheres e homens no campo esportivo, observamos durante a cobertura midiática realizada pela

repórter de TV o seu esforço em superar a falta de informação e de “intimidade” sobre/com os esportes. Num contexto (o esportivo) até há pouco tempo, predominantemente ocupado por homens – em geral, que desde a infância tem contato com conteúdos esportivos e são estimulados a prática esportiva – notamos o empenho da jornalista mulher para, em pouquíssimo tempo, superar anos de distanciamento dos esportes e da cultura esportiva – segundo a própria jornalista – e poder veicular notícias sobre um tema que até então lhe era “incomum”.

empeça ou dissuada. Nos ombros do cinegrafista e nas mãos da repórter estão o índice que remete diretamente ao poder de dizer e, mais, de fazer ver e fazer crer (BOURDIEU 1997a).

Encerrando o circuito televisivo, editores, produtores e técnicos fecham-se em sua sala, “copiando, recortando e colando” sons e imagens, construindo as mensagens resultantes da produção anterior realizada por repórteres e cinegrafistas. Em sua pequena “ilha”, na clausura do circuito de seus pensamentos, impressões e incertezas, ordenam a verdade sobre o JASC/2007 em pequenos contos de trinta segundos. Do alto do poder que a visão ciclópica e invasiva alcança, portam-se os jornalistas televisivos como a nata do seu campo profissional.

Contudo, nem só de glamour vivem os repórteres de TV. Presenciamos da rotina desses profissionais práticas que exigem persistência e criatividade. As precárias condições de infra-estrutura, os poucos recursos materiais e o número reduzido de jornalistas e técnicos em comunicação, somados ainda a falta de preparação dos repórteres esportivos para cobrir eventos do porte do JASC tornam ainda mais tenso, difícil e agitado o processo de produção e veiculação da mensagem midiática. Mensagem esta que, ao ser editada, pode, muitas vezes, deter-se apenas em um único aspecto, desconsiderando assim, horas de trabalho jornalístico – que envolve a cobertura das várias modalidades, o deslocamento para inúmeros de locais de competição, o contato com várias pessoas, entrevistas, imagens etc.

Por fim, entre os jornalistas, técnicos, motoristas e colaboradores de toda a ordem desfilam bom humor, paciência, companheirismo e boa vontade, assim como destilam tédios e inconformidades, como é próprio de nossa humanidade a relacionar-se com as pessoas e as coisas, seja no trabalho, seja em quaisquer outras situações.

6 FINALIZANDO

Poder estar presente, seguir os ritmos e os percursos, e realizar uma descrição densa – e em alguma medida participar – da transformação de um evento em

notícia ou espetáculo foi uma possibilidade importante para a compreensão do campo jornalístico e seus modos de produção.

Qualquer campo profissional é um espaço social no qual uma disputa pela imposição do que é legítimo ao campo se dá numa estrutura que ordena e configura interesses e disposições. A heterogeneidade do corpo de jornalistas a cobrir o JASC/2007, fruto da própria diversidade do campo, dos modelos de formação profissional, das origens regionais e de classe, colabora para o entendimento dos diferentes modos de interação nas relações sociais e das disposições que acabam por sistematizar tal modelo hierárquico e estruturado de posições.

Ainda assim, há que se perceber as nuances que as relações sociais possibilitam, mesmo obrigado a reconhecer que um sistema estruturado designe formas de conduta e ordene disputas cujos interesses nascem menos dos desejos dos agentes do que das imposições do próprio campo. Assim, a tipologia que nossa interpretação produziu dos jornalistas e seus modos de conduta e inter-relações deve ser sempre pensada a luz das possibilidades que a vida, os modos de conduta e personalidade individuais e os eventos suscitam, sob pena de transformarmos agentes em mera estereotipia. Isto, entretanto, não invalida nossos esforços de compreender o campo, se não apenas coloca as limitações que um trabalho mais extenso – e intenso – acabaria por solucionar.

Pois bem, se não pudemos esgotar as possibilidades descritivas e interpretativas que a pesquisa participante possibilita – em nosso caso, investigar até o limite as configurações espaço-temporais, os sistemas dos objetos e a ação profissional dos jornalistas em seus aspectos prático-simbólicos – traçamos, ao menos, os primeiros passos rumo ao diálogo com nossos sujeitos-objetos de pesquisa, abrindo a outras investidas metodológicas a continuidade deste perscrutar.

Retomando os modos de olhar que o sistema midiático impõe ao (ou compõe com) esporte, pudemos notar que se o modelo invasivo, por vezes furtivo, panorâmico ou imiscuído de narrar, transforma o fato

em discurso através daquele poder já anunciado a partir de Bourdieu (1997a), percebe-se também que na confluência das vozes, olhares e corporalidades se funda numa co-presença, um modo de estar juntos cuja cena é constituída pelo conjunto dos agentes e suas práticas a tramar relações diversas com o esporte, o campo jornalístico, a cidade de origem, o *habitus* profissional etc. Para nós, da Educação Física, tais eventos surgem como possibilidades liminares de compreender relações de tipo tão orgânica, como as que se constituem hoje entre esporte e mídia, entre atletas e jornalistas.

Por fim, na confluência diacronia-sincronia, talvez tenhamos encontrado modelos estáveis na ordem jornalística e na configuração de seu campo, estrutura que revela hierarquias e disputas, porém, por outro lado, como a profissão se realiza como *habitus*, portanto um devir (BOURDIEU, 2001), ou em outra linguagem, numa abertura para o mundo vivido, outros horizontes decorram de eventos, micro-eventos, a renovar, transformar ou reordenar a estrutura do campo jornalístico e suas modalidades prático-simbólicas.

7 REFERÊNCIAS

- BETTI, Mauro. **A Janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Campinas: Papyrus, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997a.
- _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 1997b.
- _____. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- _____. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- ESTADO DE SANTA CATARINA. **Lei n.º 9.808**, de 26 de dezembro de 1994. Cria o Sistema Desportivo Estadual de Santa Catarina. Disponível no site da FESPORTE/SC: <http://www3.sol.sc.gov.br/fesporte/paginasprincipais/framege>
- ral.asp (consulta em 02/10/2009).
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- PIRES, Giovanni de Lorenzi. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.
- _____. (org.). **Observatório da Mídia Esportiva**: a cobertura dos jogos abertos de Santa Catarina. Florianópolis: Nova Letra, 2008.
- SAHLINS, Marshall. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
- _____. **Cultura e Razão Prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. **História e Cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- SIMMEL, Georg. **Philosophie de L'argent**. Paris : Presses Universitaires, 1977.
- _____. **Questões Fundamentais da Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- VAZ, Alexandre Fernandes. Políticas Públicas para o Esporte e o Lazer em Santa Catarina: reflexões e considerações. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 12, n. 1, 2001.
- VIRILIO, Paul. **Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

Correspondência:

Autor: LaboMídia

Endereço: Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina – Bairro Trindade – Florianópolis/SC

CEP 88.040-900

Site: <http://www.labomidia.ufsc.br/>

Recebido em:

Aceito em: